

Notas da Quinzena

■ Olho os campos da nossa Aldeia. Os tractores vão abrindo os sulcos onde a semente há-de cair, pelas mãos ainda frágeis dos rapazes. Eles são a razão da nossa vida. Deles arrancamos a força para seguir em frente, abrindo caminho a outros que aguardam a hora de entrar. Dão-nos tanta esperança quando os vemos agarrados ao trabalho — que lhes dá o direito a um lugar digno na sociedade! Começam a amar o que é seu, à custa do suor do rosto.

O nosso Fernando, de palmo e meio de estatura, deixou, de boca aberta, um grupo de visitantes quando lhe perguntaram o que fazia aqui. — Trabalho, responde a sorrir. Fui testemunha e tive que intervir, sorrindo também, dizendo que, de saco na mão, apanhava os papéis que os visitantes vão deixando pelas ruas da Aldeia.

Bendita a hora do sol posto, depois de um dia em que a Esperança assentou arraiais no meu coração!

■ O reino do mal está bem organizado. O pai da mentira é inteligente e esperto. Dá a impressão que é o senhor e

que, a curto prazo, ganha terreno e vence. Confunde e gera desânimos em corações que ficam paralisados. Resposta? «Gosto de ler os livros que me enviais e o vosso 'grande jornal' antes de adormecer, pois me trazem uma Mensagem de que ainda vale a pena viver, depois de se ouvirem notícias tão violentas, trágicas e cheias dos aspectos mais negativos da vida. E, porque penso e sinto profundamente esse apelo, adormeço sempre com um chamamento à Esperança que reside no amor do Próximo dado por tantas e tantas pessoas de Boa Vontade.»

A luz é para colocar em cima do alqueire. O Senhor Jesus vai no barco. Está presente no teu coração. Desperta. São horas de te decidires. Porque tens medo? Fazes todo o bem que podes? Deixa as redes e o barco na praia. Vem. Não grites. Não te lamentes. Na tua vida está o segredo da vitória do Amor.

«Acredita!»

■ Não sei o que se passa na tua vida. Talvez não deste conta ainda do convite a lançares-te ao largo. Vais ca-



Os rapazes dão-nos tanta esperança quando os vemos agarrados ao trabalho — que lhes dá o direito a um lugar digno na sociedade!

minhando, sonhando... e ficaste por aí, tranquilo, tranquila, à espera do empurrão. Que se passa? «Tenho lido o jornal O GALATO e, desde então, houve uma transformação em mim... Sinto-me inquieto com vontade de ajudar... Será que Cristo viu a minha pobreza, o meu egoísmo, o meu comodismo, a minha ambição e me tocou com a sua Humildade ao ler o vosso jornal e os livros de Pai Américo?»

Ontem, abeirou-se de mim um jovem, já maduro pela dureza da vida e do combate.

— Posso vir?

Outra Mulher, habituada a

ver o Senhor nas Igrejas, passou e chorou ao ver o Senhor das ruas...

Não hesites. O Senhor dos sacrários é o mesmo que te dá a força para O acompanhares

com a tua doação pelos caminhos da vida. Pode ser a Obra da Rua...

Padre Manuel António

SETÚBAL

Fui, ontem, à Cadeia de Monsanto, visitar um rapaz que fugiu de nossa Casa, há precisamente dois anos.

O nome da Cadeia foi mudado para Estabelecimento Prisional, como quase todas as instituições oficiais ou pro-oficiais. O nome, sim, foi mudado; mas a realidade não.

Estou habituado a entrar em cadeias e, por amor dos jovens, e para lhes transmitir uma mensagem de esperança, de força e de salvação já estive preso duas semanas, uma em cada ano. Comunguei do mesmo regime, da mesma alimentação e do mesmo drama, que não da mesma desgraça.

Uma cadeia assusta. Impõe-se pela evidência majestática dos portões de ferro, pela abundância de guardas em cada um deles e pela vigilância a que, naturalmente, somos sujeitos. A gente olha e estremece por dentro e por fora.

Uma cadeia é uma cadeia!... Desgraçado de quem lá cai!

Uma visita é tratada com deferência e, se for um padre, como é o meu caso, ainda

mais. Não tenho de me queixar de ninguém. Pelo contrário fui tão bem acolhido que me apetece voltar.

O moço já me tinha escrito, mas eu aguardava uma segunda carta. As dores eram fundas, as saudades intensas, mas a certeza da contrição, leve.

Foi uma assistente do Instituto de Reintegração Social que, pelo seu interesse em relação ao Luís, abreviou a minha visita.

A história do preso é simples: Sem pai, a mãe envolveu-se na escravatura hodierna — que ninguém reconhece como tal — mas que é mais aviltante que a de antigas eras. Ninguém acuse. Ninguém atire pedras. Todos somos culpados. Quem dena que vóltssemos ao seio da terra com este pecado redimido.

Se os milénios rodaram sobre a humanidade, em gerações sucessivas de escravos, que o eram por nascerem nestas condições, os homens e as mulheres originados nos prostíbulos

AQUI LISBOA!

«A cidade do Porto pára, escuta, medita, determina-se. É-nos oferecido o edifício da Capela. O senhor a quem o fui pedir só teve uma palavra: «Muito obrigado por se ter lembrado de mim.» (Pai Américo)

Podemos, finalmente, anunciar o começo das obras da Capela da nossa Aldeia, que desejávamos ter visto inaugurada no ano centenário do nascimento de Pai Américo.

Por razões que não importa referir, só agora é chegada a hora. Mesmo que a não vejamos concluída, é motivo de grande consolação dar aos nossos

Amigos esta notícia. Os materiais começaram a chegar, o local definitivo foi escolhido e o empreiteiro, pessoa de prestígio, garante-nos a execução do projecto, harmonioso e cheio de beleza, no nosso modesto entender. Ao Arquitecto e ao Engenheiro responsável pelos cálculos, vão daqui os nossos mais sentidos agradecimentos, bem assim para todos os intervenientes neste processo prolongado e, por vezes, doloroso.

Já explicámos nestas colunas que, desde que chegámos a esta Casa, há 25 anos, ao esboçarmos a futura Aldeia, sendo certo que «a vida religiosa nas nossas Comunidades seja o

centro», pensámos sempre em assegurar aos Rapazes as condições de vida mínimas para finalmente nos debruçarmos sobre o pequeno templo da Comunidade, à laia de coroa de tudo.

Perguntar-nos-ão onde vamos buscar os fundos indispensáveis. Claro que à generosidade dos nossos Amigos, nomeadamente aos da grande Capital, os primeiros responsáveis por esta Casa do Gaiato, até porque, como aqui tem sido referido, serem as diversas Casas do Gaiato economicamente independentes.

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 2.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Os cachopos são órfãos de pais que se suicidaram — e marcados pela tragédia.

Um deles, bem complexado, faz sofrer a pobre avó porque deu uma sova numa colega que o maltratou. No entender da velhinha, reprovava, por isso mesmo, no Unificado. «Eu quero q'eles estudem para serem alguém. Já poucos anos restam a mim e à meu home... Q'ade ser deles, amanhã?!»

Abordámos os professores, absolutamente inteirados do comportamento dos mocitos. «Conhecemos a sua história. Não é por isso... que o aluno, reprovará.»

Todo o mundo fala do insucesso escolar. As teses multiplicam-se. Concretamente, no caso vertente, a criança não tem culpa de ser... o que é. Precisar, isso sim, dum ensino adequado à sua condição...

PARTILHA — O nosso Elísio Humberto com 500\$00 «para serem (como sempre) aplicados no Pobre mais necessitado». Ele conhece Paço de Sousa... Deus te ajude; e aos teus.

«Maria de Portugal» não falha! Agora, traz na mão «a cota de Junho e de mais dois meses em que devo estar ausente. Não quero que o irmão pobre sofra com o meu atraso. Bem basta a oferta ser pequena».

Outra presença regular: «Uma portuense qualquer» com 2.500\$00 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, migalhinha relativa a Maio. Junto o meu louvor ao Senhor pelas maravilhas que Ele opera... continuamente».

Mais perseverança. É a assinante 19177, do Porto: «Cá estou com a minha presença mensal — 1.000\$00». E, também, a assinante 27063 que «pede uma oração pelas suas melhoras». Nesta tribuna será uma oração universal.

A esposa de um dos primeiros Amigos da Obra da Rua, no Porto, manda quinze contos — «excedente com que não contava». Já aqueceram vários lares.

Um cheque do assinante 21533, de Braga, «para os mais necessitados da Conferência de Paço de Sousa», lembrando o passamento de um director bancário — «um dos melhores do Banco a que pertencem». Por onde este Homem passou, deixou rasto: Elvas, Coimbra, Porto... São, assim, as almas grandes que abarcam o mundo todo! Em direcção à Casa do Pai...

Mais um cheque, da assinante 8451, de Vila Nova de Gaia, «importância relativa ao ano de 1987». Presenças com um grande cunho espiritual!

Acaba de chegar o donativo de Vilares (Vila Franca das Neves). «Avó de Sintra», também, com 4.000\$00 e «os melhores desejos de saúde, amor e paz».

Um vale de correio de 5.200\$00, «enviado por duas pessoas amigas para ajudar os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Assinante 31104: «Só hoje posso retomar a minha remessa. Que me

perdoem os destinatários, pois não os esqueci, apenas me atrasei. Peço que nunca mencionem a importância nem por qualquer outro modo se refiram a que dou muito, pois não dou. Apenas parte do que tenho — o que é pouco para ganhar o Reino dos Céus». A Humildade é a verdade!

M. M., de Algueirão, três contos «em memória de amigos já falecidos». Mais dois, da assinante 26471, «referentes aos meses de Maio e Junho, para uma senhora idosa e doente. Nunca me canso de afirmar que fica a opção ao vosso critério». A Caridade bem ordenada é assim mesmo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

ÓCULOS — Tem sido sempre um problema de muitos cuidados os doentes dos olhos.

Uns, conseguem conservar as lentes por um tempo considerável; outros, por motivos diversos, têm dificuldade na sua conservação a longo prazo.

O Mário é um deles. Há muito que não utiliza os primeiros, os segundos e até os terceiros óculos, desde que para cá veio. Os últimos que trazia também já estão partidos! Pô-los debaixo do colchão e, por azar, não deu conta de que por cima deles iria dormir...

O caso do «Batalha» é diferente: também partidos, aquando da arrumação da palha, deixou cair os óculos e foram para o palheiro. Desde aí, a deficiência ocular retardou melhorias. Voltou ao médico...

COLHEITA — O Olival Novo já deu as primeiras batatas e gráudas; por isso, a nossa alimentação é diferente.

As nêspers foram abundantes e fazem parte da sobremesa e merenda.

A semente da erva foi cuidadosamente recolhida para panais e posta ao sol. No próximo ano será lançada à terra para mais erva e semente.

FÉRIAS — Este período tão desejado por muitos, já começou para os alunos do Ensino Secundário até ao décimo ano; para o Ciclo Preparatório e Escola Primária...

Os pequenos, nos dias de sol e elevada temperatura, trocam palavras:

— Os mais pequenos é que vão primeiro?! — Eu vou fazer como o ano passado!... — Se for contigo queres brincar como o ano passado?!...

No meio do trabalho, a conversa continua. Uns com mais entusiasmo do que outros.

APROVEITAMENTO ESCOLAR — O desenvolvimento do estudo ao longo dos períodos lectivos teve seus altos e baixos na malta do Lar de Coimbra. O segundo, foi o mais longo; enfastiou um pouco a quem o queria mais breve. O terceiro foi curto para o Ensino Unificado: do 7.º ao 12.º ano. Além de curto, muito concentrado nos exercícios de avaliação. A somar, movimentou-se com trabalhos sobre «Os Descobrimentos

Portugueses» para uma exposição — o que cansou ainda mais.

Os resultados para esta primeira fase, que terminou a 9 de Junho, foram promissoras. Na próxima edição, estatisticamente, daremos a avaliação global.

Guido

Tojal

AGRICULTURA — A nossa quinta está muito bonita! Os campos estão floridos! Os tomateiros e as batateiras prometem. Os nossos agricultores e os estudantes abrem as caldeiras para a rega das laranjeiras. Também já começámos com a ceifa. Muitas pessoas, que nos visitam, perguntam sempre se o pão é feito em nossa Casa. Somos nós que cozemos o pão! — o Manuel José e o Carlos Lopes, o «Crokes» e o seu mestre começaram com as obras de restauro nos edifícios do sector agrícola. Os pequeninos, juntos à senhora, tratam carinhosamente os jardins.

O «Nisa» rega todos os dias os caneteiros. Os jardins estão muito bonitos! O Zézinho leva o gado a pastar e o Luciano mais o «Narota» tomam conta da vacaria. Somos assim! «Obra deles, por eles.» Os maiores orientam os mais pequenos e brota, de cada um, o seu contributo, o seu pedacinho de amor e sacrifício para o bem da Comunidade.

«Dar-lhes sangue que os prenda uns aos outros, para serem laços de sangue.»

José Manuel dos Anjos Nunes

Paço de Sousa

VISITANTES — Continuamos a receber grande afluência de visitantes à nossa Aldeia, principalmente nos fins-de-semana, e os ciclerones não têm mãos a medir.

É pena que a maior parte venha nas horas em que as oficinas estão fechadas, pois torna-se mais interessante a visita com elas em pleno funcionamento, demonstrando a organização do trabalho comunitário,

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pag.

rolarão quase inexoravelmente as suas vidas nestes «padrões escravizantes» enquanto os progenitores forem donos de suas crias, como defende a Organização Tutelar de Menores, na hipótese da adopção.

Há trinta ou quarenta anos, a prostituição era recatada, apesar de legal. Hoje é franca, nos caminhos, nas praças e nas cidades, como se se tratasse da matéria mais banal da vida e não da mais aviltante!...

Entrou na vida social com a força de uma epidemia contagiante e incurável... Parece que as energias invencíveis da virtude e da Graça Redentora recuaram medrosas perante o aspecto da sua enorme avalanche. São muito poucos os homens e mulheres que se atiram, sem medo, convictos da vitória contra a besta deste final de século. Esta escravatura, sabemos, não se combate só com leis, mas com Vida e com Vidas. Cruzar os braços é a maior capitulação da história da nossa Fé.

Ninguém é capaz de dizer a uma criança que a sua mãe é uma prostituta. Ninguém. Muito menos a um adolescente.

Se a pessoa é crescida, como é o nosso caso, a imagem ausente da mãe torna-se ainda mais apetecida e a sua influência imaginária mais forte! É imparável a revolta de qualquer rapaz ao ouvir dizer mal de sua mãe!...

Se esta figura lhe aparece em carne e osso e o imaginário se torna fraudulentamente real, numa fase de vida imatura, acontece irresistivelmente a desgraça.

Com onze anos, o nosso rapaz nunca frequentara a escola. Fez uma 4.ª classe de adultos aos 17 anos e entrou na oficina para aprender de serralheiro.

As palavras e os conselhos maternos tiveram sempre um peso maior que os nossos amorosos avisos e a dedicação total e absoluta da nossa vida.

Se a voz do sangue tem muita força, entre nós ainda mais!

A figura lendária da mãe ausente esbateu-se, num abrir e fechar de olhos, na verificação do real, como a espuma branca das ondas marítimas desaparece na areia esponjosa das praias.

O moço, de 18 anos, imaturo e inexperiente, achou-se à mercê de amigos que o arras-

que, sem dúvida, toca a todos, mais velhos e mais novos.

AGRICULTURA — Passou a época das flores, onde tudo era colorido. O espaço terrestre pintado de tons vivos deu lugar a uma cor única, o verde, que nos proporciona uma sensação de frescura e contínua esperança nas culturas semeadas, frutícolas e hortícolas.

As chuvas abundantes atrasaram as culturas e pedem sol como fonte de crescimento e amadurecimento.

CASOS — O Paulo Virgílio, tipo inquieto, alegre, de vez em quando faz as suas travessuras!

Não é que o tipo, encarregado de dar o vinho às refeições, tem o feitio de emberrar com o Armelino, e quase todos os dias o suja com umas pinguitas, pedindo, até, desculpa antecipadamente!

Desta vez, em jeito de brincadeira, fez com que o moço desse uma cabeçada no copo, rachando a testa!

Qualquer dia o feitio vira-se contra o feiticeiro. E, depois, como é que fica?

Pires

taram a acções criminosas!... Seis meses de cadeia constituem uma grave chamada de atenção!...

O seu comportamento, durante todo este período, denunciou uma forte capacidade de trabalho — levanta-se, todos os dias, às 4 da manhã para cozer dois fornos de pão; uma fundada esperança de reequilíbrio e um desejo ardente de pôr na sua vida, agora, o que semeamos em sete anos na Casa do Gaiato.

Não será possível — a nós que vivemos nas facilidades das estatísticas e das sondagens — conhecer, no concreto, a percentagem dos homens e mulheres presos, oriundos da prostituição? Não será esta a experiência com maior peso numa futura remodelação das leis que regulam o poder paternal?

Continuaremos, de braços caídos, a permitir que o caudal da desgraça engrosse de geração para geração, defendendo leis permissivas, injustas e lesivas dos direitos fundamentais das crianças desprotegidas?

Tenho um medo horrível das cadeias!...

Padre Aclio

Calvário

◆ Teria havido por parte do Centro Nacional de Pensões um apego exagerado à letra, a ponto de nos fazer reembolsar em sua bolsa uma importância que, moralmente, nos pertenceria? Parece.

Foi o caso:

Em 1981 foi-nos entregue pelo Hospital Júlio de Matos a senhora Maria Benvenida Conceição Fernandes — por não ter família e ser uma doente incurável. Faleceu em Fevereiro de 1985 e foi sepultada no nosso cemitério do Calvário.

Em Setembro do mesmo ano recebemos três vales (170.000\$) de retroactivos, devidos à falecida. Consolou-nos o gesto que nos pareceu amoroso e justo.

Nunca perguntamos ao doente se tem ou se dá. Consi-

deramos os abonos como donativos que juntamos às ofertas dos amigos e ao produto do nosso trabalho. Graças ao Senhor nunca faltou o azeite na almotolia!

Três anos depois, vem o Centro N. de Pensões e intima-nos a repor a importância referida, sob pena de contencioso, alegando o termos recebido depois da morte da Beneficiária.

A letra da lei...

«A letra mata, o espírito vivifica.»

Escrevemos uma carta a dizer da nossa interpretação. Nada; antes, outra ameaça de contencioso.

«Não é necessário» e mandamos os ditos.

O Calvário para doentes incuráveis continua aberto

para os mais pobres e sem família, mesmo que venham através dos S. Sociais — como muitos têm vindo.

◆ Mas, de facto, nunca será o dinheiro (embora ajude) a resolver os problemas mais profundos dos doentes e deficientes. A primeira vista parece que sim, pois com ele poderíamos pagar a domésticas

e enfermeiros. Estes dariam em troca o seu trabalho quotidiano; nem sempre o amor, a paz e aquelas flores de alegria que reconfortam a alma e fazem sorrir.

— Não me diz por que os nossos doentes parecem tão felizes e os utentes dum Lar de 3.ª idade, onde costumo ir, se mostram tão amargurados? — perguntou uma médica.

— Já disse.

Há desses Lares onde nada falta. Fundos, os sorrisos.

◆ Recebemos, há dias, a visita duma senhora francesa que patrocina uma Fundação para ajuda de Deficientes. Quis oferecer o preciso para abrimos mais um pavilhão.

Que aceitaríamos, somente, quando viessem mais almas generosas e disponíveis para os estreitar ao peito. A senhora ficou silenciosa, abriu a carteira e entregou-me o cartão com o seu endereço e o da Fundação. «Escreva mesmo em português. Eu mando traduzir.»

Com que carinhosa atenção ela viu todos os doentes! Quando chegámos ao pavilhão fechado, seu rosto se iluminou na esperança de o ver habitado por outros doentes.

Também temos esperança e pensamos em ti, talvez, disponível para te dares e realizares no amor aos irmãos que mais precisam.

Padre Telmo

LIVRO

«Correspondência dos Leitores»

Todos os dias seguem livros para o correio! Do «Correspondência dos Leitores» — a novidade — até ao «Pão dos Pobres», o primeiro que safu da pena carismática de Pai Américo, em 1941, e vai já em quinta edição.

Não deixa de ser admirável a crescente procura das obras de Pai Américo, sem entrarem em cheio no circuito livreiro..., tendo apenas O GAIATO como meio de difusão. Onze títulos (três deles com mais do que um volume), só os últimos, quatro ainda em primeira edição — da ordem dos 10.000 exemplares cada uma.

Outro pormenor com interesse: o primeiro «Obra da Rua», aumentado e actualizado ao longo dos anos, é de 1942, composto e impresso na Gráfica Lousanense (Lousã), lançado pela Casa do Castelo (Coimbra). Por isso, a mais recente edição, em nossos prelos, de 1983, é a quarta, não a terceira como figura no rosto da brochura.

Vamos passar a palavra aos Amigos — motivados pelo «Correspondência dos Leitores».

Assinante 3107:

«Acabei de 'saborear' o último livro de Pai Américo. Fi-lo como quem reza e serviu-me até, para exame de consciência!

Porque não somos capazes de viver o Evangelho? Como tudo seria diferente!

Estes últimos tempos tenho feito maiores e mais sérias reflexões, pois como apresentei um sub-tema, em Fátima, no Congresso dos

Leigos, tive que me debruçar sobre o que me foi pedido e todo este trabalho nos ajuda a crescer.»

Assinante 8120, do Rio de Janeiro:

«É do vosso conhecimento a minha fome de pão espiritual. O mesmo que dizer de tudo que nos vem do nosso Pai Américo.»

Embora não tenha todos os livros — distribuo-os, pois a luz não é para ficar debaixo do alqueire — todos, porém, recebi e li e passei adiante. Mas, o 'Correspondência dos Leitores' ainda cá não chegou! Acredito que já tenha sido despachado, mas alguém, como eu, esfomeado, raptou-o. Se for possível, espero receber o meu.»

Assinante 21788, de Vila Nova de Gaia:

«Junto um cheque para o trabalho e o papel do 'Correspondência dos Leitores'. Todos os livros de Pai Américo têm um preço: deixarmo-nos acordar para aquela Vida que mantemos adormecida, mais ou menos culposamente. São brasas vivas que não queimam, mas aquecem e fazem ferver as águas mornas do nosso comodismo, do nosso egoísmo. O 'Correspondência dos Leitores' é o meu despertador das manhãs, o incentivador de um dia melhor e o calmante para uma noite sem a insónia que o mundo causa.»

Três riquíssimas pinceladas que definem e resumem o sentimento expresso num grande maço de missivas que daria para um Famoso!

Júlio Mendes

Associações dos Antigos Gaiatos

NORTE

CONVÍVIO — O nosso convívio anual está marcado para 17 de Julho, em Paço de Sousa.

Teremos oportunidade de visitar a nossa Casa-Mãe e, na Capela, junto do túmulo de Pai Américo, darmos graças a Deus por nos ter dado o melhor Pai do mundo.

Comparece. Não imites alguns filhos da Obra da Rua, bem integrados na sociedade, que esqueceram Pai Américo e a Casa do Gaiato — a quem tudo devem.

Será uma romagem de saudade e gratidão. Contamos contigo.

PROGRAMA — 10 h, concentração e deposição dum ramo de flores no túmulo de

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

Somos os últimos membros da Obra da Rua a possuir Capela privativa. Parece-nos que tal facto deve motivar todos os nossos Amigos, espalhados pelo mundo, a parar, escutar, meditar e a determinar-se, como se cita acima. O que se constrói é para todos, que não para o autor destas linhas.

Com frequência, enquanto Deus e os homens nos permitirem, daremos conta nestas colunas do desenvolvimento da obra. Nas vossas mãos e nas de Deus deixamos o assunto, na certeza de que o objectivo em vista será conseguido, seja quem for o Padre da Casa.

■ No último escrito elaborado para esta rubrica saíram bastantes gralhas, algumas das quais alterando profundamente o sentido do que escrevemos. São coisas que sucedem e, pelo facto, pedimos desculpa aos nossos leitores.

Padre Luiz

Pai Américo; 11 h, Missa, no largo da Capela e, depois, esclarecimentos sobre a recente constituição da Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos; 13 h, almoço oferecido pela Casa-Mãe (António dos Anjos, «Anjinho», dará o seu apoio e traz um bolo para a sobremesa); 15 h, convívio musical, onde poderás mostrar as tuas qualidades de músico ou cantor, no qual colabora também o conjunto da Casa-Mãe.

Carlos Gonçalves

SUL

De acordo com os Estatutos da Associação, realizar-se-á no próximo dia 3 de Julho o nosso Encontro anual, pelo que convidamos todos os antigos Gaiatos da Casa do Gaiato de Setúbal a estarem presentes, acompanhados das esposas e filhos.

Gostaríamos que a vossa presença se verificasse em grande número, pois é sempre bom encontrarmo-nos e manifestarmos interesse pela nossa Associação, tanto mais que estamos a trabalhar na constituição da «Cooperativa

dos Gaiatos», destinada à construção de habitação própria para todos os Gaiatos interessados nesta modalidade.

Para tanto, o José Moreira e sua esposa Ermelinda estiveram presentes na reunião efectuada no passado dia 10, em Paço de Sousa, e trouxeram novidades.

Por isso, comparece; a tua opinião é muito importante. Participa. Faz da nossa Associação um elo de ligação entre a numerosa Família de antigos Gaiatos.

Contamos contigo!

Como de costume, não é necessário trazer farnel; no entanto, não esqueças um bolo para a merenda e calção de banho para um mergulho na piscina.

PROGRAMA — 8.30 h, concentração no Lar de Setúbal; 9.00 h, partida, em caravana, em direcção à nossa Casa do Gaiato de Algeruz; 10.00 h, celebração da Eucaristia; 11.30 h, reunião da Associação para tratar de assuntos de interesse comunitário e regularização da cobrança de quotas; 13.30 h, almoço; 16.30 h, jogo de futebol-convívio; 17.30 h, merenda com sardinhada; 20.00 h, dispersão.

Crisanto

Novos Assinantes de O GAIATO

O GAIATO continua em expansão na Pátria-Mãe e nas comunidades portuguesas pelo mundo fora.

A procissão leva muita gente de Vila Nova de Gaia — «um conjunto de assinaturas, para O GAIATO, da Escola de António Sérgio»; de Seia e Torres Vedras, pela mão do nosso Padre Horácio e Padre Luiz. Um grupo de Óbidos (V. N. Ourém):

«Seguem mais umas novas assinaturas. Estou aqui numa

terra, onde não via o Famoso. E arrisquei. Parece que as pessoas gostaram. Volto a artiscar... mais.»

Outro grupo, do Bombarral: «Agradeço o livro 'Correspondência dos Leitores'. Sempre boa leitura para aproveitarmos e reflectirmos em tanto que esquecemos no dia-a-dia. Há tanto a fazer com alegria e felicidade pelos irmãos mais abandonados! Por isso, venho

Cont. na 4.ª pág.

Notas do tempo

● Foi leitura breve da hora intermédia do ofício divino este pequenino trecho (dois versículos apenas) do cap. 15, do livro do Deuterónimo: «Se um dos teus irmãos que moram dentro das portas da tua cidade, cair na pobreza, não endurecerás o teu coração nem fecharás a tua mão; mas abri-la-ás ao pobre e dar-lhe-ás o que descobrires que ele precisa».

Lembrei-me de Pai Américo e do seu profundo desejo: «Cada paróquia cuide de seus pobres». Eis, na verdade, um fundamento bíblico desta doutrina o que a Sabedoria divina proferiu há milénios e que por ser palavra Sua, é palavra de hoje tanto como daquele tempo. Diria, mesmo: mais imperativa para nós que vivemos nos «últimos tempos», depois que o Evangelho foi proclamado.

A interpelação de Deus é dirigida ao concidadão daquele que caiu na pobreza, para que não vire a cara, para que não feche os olhos nem o coração nem as mãos. Conhecer a

situação do próximo é ponto primeiro e indispensável. Agir consequentemente é o segundo ponto igualmente obrigatório. Tudo se passa intra-muros. Não se pode alegar distância que justificaria o desconhecimento e dificultaria a acção. É ali, dentro das portas do mesmo burgo onde vivem todos: o que caiu na pobreza e os que conservam a suficiência, senão mesmo a prosperidade. Não há desculpa nem para a ignorância nem para a inércia.

O texto bíblico invoca o habitante daquela terra onde um irmão caiu em desgraça e impera-lhe: «Dar-lhe-ás o que perceberes que ele precisa». E, para prevenir qualquer dúvida na avaliação da necessidade alheia, o texto latino usa um complemento directo: **mutuum**; isto é: aquilo que tu mesmo entenderias ser-te necessário em situação idêntica.

E como a interpelação a um é a todos os cidadãos que se dirige, é difícil que a diligência organizada de todos não supra as carências do irmão caído —

a menos que falte a organização e muitos sejam infiéis ao mandado de Deus.

É exactamente o que Pai Américo pensava a respeito do dever e do poder de cada paróquia cuidar dos seus pobres.

● A filosofia subjacente à «Sociedade de Consumo» é uma rasteira em que tropeçam as gerações do nosso tempo; e posta em prática, constitui uma forma subtil de neo-paganismo. O Papa denunciou-o, há dias, durante uma visita à região de Emilia, na Itália.

Ela é uma modalidade de **hedonismo**, que dá também pelo nome de **moral do prazer** ou **moral do instante**, mas com uma face que, não chocando primariamente os chamados «bons costumes», atenta directamente contra a Justiça — no que as multidões não repararam.

O instinto de posse é inerente à natureza humana e há que acautelá-lo. Mas o desejo do uso, o prazer no uso não é menos perigoso quer para a virtude da temperança, quer para a sociedade que, relativizando os valores dos bens — digamos mesmo: defraudando-os — se desestabiliza, cavando mais o fosso entre pobres e ricos, dentro de cada nação e entre as nações. Esta é uma constatação dramática que a recente Encíclica social regista relativamente aos vinte anos que a separam da «Populorum Progressio»: o distanciamento entre pobres e ricos é cada vez mais pronunciado.

RECADOS

Estávamos a «fechar» a presente edição do **Famoso** e chega um Pároco, de Arouca, uma vez mais, pelo seu pé, trazendo o contributo dos paroquianos relativo a O GAIATO!

«Dei apenas dois recados» no supedâneo do Altar e «vle-ram todos entregar» o que acharam por bem — para além do normal. «Um só desejaria que mandássemos a sua casa... mas compreendeu.» Desobrigou-se como os restantes!

Em visita anterior cantara hossanas à presença d'O GAIATO na comunidade: «Tem um valor incomensurável... no meio do vazio que surge de todo o lado.»

Que dizer da alegria e convicção deste Pastor d'almas!? E da missão que se impuseram outros Párcos e Leigos ocupados na expansão do pequenino mensageiro!?

Periodicamente (quando há quem...) os responsáveis da

Só uma filosofia de suficiência é equilibrante para o homem e para as assimetrias que a sua fraqueza deixa nascer e crescer no seio das sociedades.

A sede excessiva de bebidas requintadas dos homens do chamado norte, corresponde a ausência de água potável e de pão e de vitaminas e de condições mínimas de salubridade para milhões de outros do chamado sul. Isto à escala do mundo e à escala das nações, dentro das suas cidades e aldeias.

A satisfação das carências escandalosas da maioria passa necessariamente pela temperança dos satisfeitos em excesso.

Satisfeitos!... Nem tal sentimento se lhes poderá atribuir porquanto a felicidade é disfunção de todo o excesso.

A nossa pequenina experiência nos conduz a esta conclusão.

Os nossos Natais de agora e os de há trinta e vinte anos! Ele, brinquedos caros; ele, vestuário precioso de que as «boutiques» se desfazem por

não obedecer ao último grito da moda; ele, a maré-viva de gulodices que nos invade...

«Ele é assim por tanto lado... porque não há-de ser conosco?...» — diz-se à guisa de justificação.

Mas a alegria de então, quem no-la restitui? A alegria dos brinquedos modestos, ao invés dos que eles inventavam e construíam durante o ano! A consoladela de uma camisola bonita ou de umas calças novas que se iam guardando e se repartiam, à conta, por cada um!

A festa no refeitório à entrada do bolo-rei, fatiazinhas muito bem cortadas para chegar a todos!

Sim, a felicidade é uma realidade interior e não provém de nenhum excesso. Muito mais homogênea com ela é a suficiência!

A «Sociedade de Consumo», essa é, na verdade, uma forma subtil de neo-paganismo.

Supérfluo pode ser um nome para a nova divindade.

Padre Carlos

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

trazer sete novos assinantes para o Famoso.»

É curioso revelar novos leitores — que chegam pelo seu pé:

«Peço que me aceitem na família do vosso jornal, pois uma pessoa amiga emprestou-me um exemplar e gostei

imensa. Portanto, quero ser assinante e mandem já o próximo número. Estou ansiosa por o ler!»

Boas novas de Lemenhe (Nine).

Motivados pelos mais velhos, os jovens despertam cada vez mais! Filhos, netos, sobrinhos, afilhados...

«O meu marido e eu somos assinantes d'O GAIATO. Mas, como estamos a ficar velhos — afirma um casal tripeiro — só podemos trabalhar, recomendando a leitura do Famoso. Por isso, temos pensado que os novos poderão ouvir o chamamento divino pel'O GAIATO. Mandem o jornal para o meu sobrinho... que tem vinte anos.»

Omitimos mais presenças por falta de espaço! Todavia, quem poderia resistir à riqueza desta mensagem?!

«Aqui, Moitalina.

Eu sou a assinante 47239.

Venho até vós pedir uma assinatura para uma sobrinha, filha de pais pobres. Desejava que O GAIATO fosse até essa família. Apesar da pobreza, os filhos são cristãos, risonhos...»
Abençoada gente!

Júlio Mendes

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4660 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4660 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Junho: 70.385 exemplares.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Acreditamos que todos os que nos visitam, o fazem por amor.

Não somos, nem queremos ser uma estância de turismo. Queremos ser lugar de encontro familiar. Família de fora que vem ver a família de dentro. Irmãos que se querem conhecer para melhor se amar. Convívios fraternos, geralmente com partilha.

Mas as visitas que mais nos encantam, são os grupos escolares. Especialmente os grupos preparados na escola sobre a nossa vida. Trazem os corações cheios para dar e querem levá-los mais cheios daquilo que recebem. Que olhos encantados e caras felizes!

Estou a ver muitos grupos, mas sensibilizou-me mais um que veio da distante serra. Eram todos da quarta-classe e vinham com o professor. Traziam suas ofertas e foram duma delicadeza impressionante. Uma autêntica aula de formação e educação. Começaram por visitar a Capela e mostraram que conheciam o Senhor. Visitaram toda a Casa e viram tudo o que quiseram. Muito à vontade e com muita ordem.

De regresso a casa, e de acordo com os pais, todos se fizeram assinantes d'O GAIATO. O correio do dia seguinte trouxe um envelope com carta e vinte e seis papelinhos com o endereço de cada um. Correspondência de família!

■ Sempre também muito encantadores são os grupos paroquiais — quando vêm com o pároco. É sempre dia de festa para eles. E os que por

aqui passam pela primeira vez? Tudo são exclamações e sorrisos e lágrimas.

São as mães «desalmadas» que abandonam os filhos. São os «malvados dos pais» que não querem saber. São os familiares que «não têm coração». São muitas coisas que ferem o coração da gente.

Os braços todos se abrem para apertar e acolher os mais pequeninos. É o colo. São beijos. São lambarices. É o coração todo que se abre.

E começa a visita à Casa. Geralmente, pela cozinha: o grande fogão com os painéis em cima. Depois, a sala de costura com os montões de roupa e muitas prateleiras. Depois, ainda, os animais; e o grande espanto vai para a mansidão das vacas leiteiras a estenderem o pescoço e a língua. E a padaria onde se tem de cozer o pão quase todos os dias — que lindo pão! E a piscina com água a espelhar o céu azul. E o moinho a moer a ração do gado. E a quinta «toda amanhadinha pelos meninos». E as oficinas com tantos rapazes já homens e todos a trabalhar. E as escolas com setenta alunos a olhar para quem entra. E o salão onde se podem reunir e comer. E o campo da bola. E o parque infantil. E tantas, tantas camas alinhadas nas camaratas! E a fonte com água tão rica. «Que bom passar um dia na Casa do Gaiato!»

«As Casas do Gaiato são santuários de almas» — como sonhou e quis Pai Américo.

Padre Horácio